

## INSTITUTO MISSIONEIRO DE TEOLOGIA: 35 ANOS DE HISTÓRIA E DE COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO TEOLÓGICA NAS MISSÕES\*

*MISSION INSTITUTE OF THEOLOGY: 35 YEARS OF HISTORY AND COMMITMENT TO  
THEOLOGICAL FORMATION IN MISSIONS*

Fábio César Junges<sup>1</sup>

Léo Zeno Konzen<sup>2</sup>

José Rogério Rigo<sup>3</sup>

**Resumo:** No presente artigo é apresentada uma reflexão dos 35 anos de história do Instituto Missioneiro de Teologia (IMT) e são desenvolvidos os seus principais referenciais no que diz respeito aos fundamentos ético-políticos e epistemológicos. Na tematização histórica do IMT encontra-se implicado o próprio Curso de Graduação em Teologia e suas atividades de ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação. A história do IMT é, acima de tudo, marcada por uma profunda inserção na comunidade local e regional, o que se expressa nos serviços, nas parcerias com entidades e na própria concepção de Teologia que o caracteriza.

**Palavras-chave:** Instituto Missioneiro de Teologia. História. Formação Teológica.

**Abstract:** In this article we present a reflection on the 35 years of history of the Missionary Institute of Theology (IMT) and its main references are developed with regard to the ethical-political and epistemological foundations. In the historical thematization of the IMT is implied the own Course of Graduation in Theology and its activities of teaching, research, extension and post-graduation. The history of the IMT is, above all, marked by a deep insertion in the local and regional community, which is expressed in services, in partnerships with entities and in the very conception of theology that characterizes it.

**Keywords:** Missionary Institute of Theology. History. Theological Formation.

### INTRODUÇÃO

O Instituto Missioneiro de Teologia (IMT) completa três décadas e meia de história. Inserido na realidade local e regional, com uma visão global, a história do IMT

---

\* O artigo foi recebido em 5 de abril de 2018 e aprovado para publicação 15 de abril de 2018 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Faculdades EST, bolsista PNPD/CAPES Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ e pesquisador do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL/UNICRUZ. Contato: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Contato: leokonzen@san.uri.br

<sup>3</sup> Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Especialização em Metodologia Pastoral pela URI - Campus Santo Ângelo. Graduação em Teologia pela URI - Campus Santo Ângelo. Professor do Curso de Teologia URI-IMT. Contato: pe.rigo@hotmail.com



é marcada por uma profunda capacidade de persistência, de renovação e de reinvenção. Sua persistência se manifesta, essencialmente, em oferecer formação teológica qualificada apesar da sua pequenez e fragilidade. Sua reinvenção é visualizada na capacidade de assumir os novos desafios educacionais no que diz respeito à formação teológica.

O IMT continuamente se renova para estar sempre adequado aos pareceres e diretrizes relativos aos cursos de Teologia no Brasil, às orientações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, com quem mantém convênio por mais de uma década. Sua história, portanto, confunde-se com o próprio Curso de Graduação em Teologia que, com suas atividades de ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação, oferece uma formação teológica sólida e qualificada na região das Missões. Por isso mesmo, além de caracterizar os trinta e cinco anos de história do IMT, o artigo se propõe em desenvolver os princípios ético-políticos e epistemológicos que norteiam do Curso de Graduação em Teologia URI-IMT.

## **OS 35 ANOS DE HISTÓRIA**

Aos 12 dias de junho de 1962 a Diocese de Santo Ângelo foi criada. Mesmo com a criação da Diocese, até 1982 a formação teológica dos seminaristas era realizada na PUCRS, pois até então não havia, na região, nenhuma instituição de formação teológica superior. Criado no dia 17 de dezembro de 1982 por Decreto conjunto dos bispos de Santo Ângelo e Cruz Alta, o IMT foi instalado solenemente no dia 11 de fevereiro de 1983, no auditório da Cúria Diocesana.

Os antecedentes históricos da criação do IMT podem ser resumidos em três: a) a renovação trazida pelo Vaticano II e suas expressões na América Latina; b) maior autonomia das Igrejas diocesanas; c) necessidade de uma formação teológica mais inserida na realidade latino-americana, regional e local. O nome escolhido retrata o sonho de uma teologia “encarnada” na realidade regional, o que se encontra registrado inclusive na ata de instalação do IMT, na qual o secretário o qualifica como “um pequeno e humilde projeto, tentativa de maior encarnação da Ciência Teológica em nossa realidade” (INSTITUTO MISSIONEIRO DE TEOLOGIA).



As entidades participantes da criação do IMT foram: Diocese de Santo Ângelo e Diocese de Cruz Alta. Em 1984, associaram-se os Missionários da Sagrada Família. Com a fundação do IMT, Santo Ângelo passou a ser um polo de formação teológica de lideranças eclesiais e civis que atualmente se encontram em funções de destaque na igreja, na educação, na política em diversas regiões do Brasil e do mundo. Bem “profetizou” Dom Jacob Hilgert, bispo de Cruz Alta, na sessão de instalação: “O futuro vai dizer da importância do empreendimento que hoje realizamos” (INSTITUTO MISSIONEIRO DE TEOLOGIA).

De 1983 a 2002, o IMT ministrou o curso de Teologia com vínculo apenas eclesial. Nos primeiros anos, seus alunos foram majoritariamente seminaristas, candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada. Sempre aberto a todos os interessados em formação teológica, com o passar dos anos foram se incorporando ao IMT estudantes leigos de variadas denominações religiosas. Nos primeiros anos de sua existência, o IMT contou com a colaboração de professores de diversas regiões do país e, inclusive, do exterior, com destaque ao biblista Milton Schwantes e ao teólogo uruguaio Pedro Suárez, ambos *in memoriam*.

A colaboração destes e outros professores, oriundos de diversas regiões, foi fundamental para o desenvolvimento inicial do IMT, dando uma formação teológica sólida, proporcionando que muitos de seus egressos fizessem cursos de pós-graduação na área teológica ou afins e, posteriormente, tornando-se professores do mesmo. A tal ponto que, atualmente, a maioria dos professores do IMT são ex-alunos do curso.

Cabe destacar, também, que os estudantes seminaristas historicamente residiram em diversos bairros da cidade, como Sepé, Haller, Ditz, Braga, Oliveira, Castelarim e Sobuski, com profunda inserção social e pastoral.

Em 1988, o IMT, enquanto entidade formadora de futuros padres, recebeu uma visita apostólica para verificar as condições de funcionamento do mesmo, sendo avaliado de forma muito positiva.

Em 1990, inicia um Curso de Formação de leigos, denominado Teologia Pastoral, com duração de 3 anos. As cidades que sediaram o curso foram: Santo Ângelo, Santa Rosa, Cerro Largo, São Luiz Gonzaga, Três de Maio, Cruz Alta, Ijuí e Panambi. Esta nova iniciativa significou uma reafirmação do compromisso do IMT com



a formação teológico-pastoral local e regional, passando por esse curso mais de 500 lideranças de diversos setores da sociedade.

Em 1995, foi criada a revista *Missioneira* com a intenção de socializar ainda mais a produção acadêmica na área das Ciências Humanas. Ao todo foram publicadas 62 edições impressas e, desde 2017, o periódico adquiriu formato eletrônico com maior abrangência de autores e leitores.

No final do século XX, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) passou a reconhecer cursos de teologia. Diante dessa nova conjuntura, em 2002 o IMT celebrou convênio com a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), criando e implantando no ano seguinte o curso de Bacharelado em Teologia, integrado academicamente na Universidade, mantendo porém sua autonomia administrativa e o local de funcionamento no IMT. Em 2005, o Curso de Teologia URI-IMT recebeu a Comissão do MEC para fins de reconhecimento, sendo aprovado com conceitos que variavam entre Condições Boas e Condições Muito Boas. Nesse sentido, a cidade de Santo Ângelo, pelo convênio URI-IMT, é pioneira regional na oferta de Curso teológico reconhecido pelo MEC, formando um número considerável de estudantes de diversas denominações religiosas, como: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Última Chamada, Igreja Deus é Amor, Igreja Batista.

O reconhecimento possibilitou também a oferta de Cursos de Pós-Graduação (Especialização e Aperfeiçoamento) em: *Metodologia Pastoral*, com edições em Santo Ângelo e Passo Fundo; *Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo*, com edição em Santo Ângelo. Está propondo para a partir do segundo semestre deste ano uma nova edição do Curso *Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo* e novo curso de Pós-Graduação em *Filosofia na Contemporaneidade*.

Com uma formação teológica e humana consolidada na região, o curso de Teologia URI-IMT ofertou, em 2016, um importante Curso de Extensão, denominado *Curso Fundamental de Filosofia*, do qual participaram cerca de 40 alunos, com destaque para mestrandos e doutorandos de diversas cidades da região. Em 2015, ainda, o Curso de Teologia URI-IMT sediou o Congresso Estadual de Teologia, com mais de 300 participantes, realizado no Campus da URI e com ampla colaboração da comunidade santo-angelense. O evento colocou, mais uma vez, em destaque a



cidade de Santo Ângelo, pelo convênio URI-IMT, como referência de formação teológica regional.

Em 2017, o curso recebeu novamente uma comissão do MEC, para fins de renovação do reconhecimento, com avaliação do projeto pedagógico, do corpo docente, da infraestrutura e do cumprimento dos requisitos legais. Numa escala avaliativa 1 a 5, o Curso foi avaliado em conceito 4 – Muito Bom. Dentre os destaques da avaliação, encontra-se a qualificação do Corpo Docente e sua produção acadêmica, sendo avaliado com conceito 5.

Por fim, passaram pelo curso de Teologia do IMT pessoas que vieram a se destacar como lideranças na Igreja e na sociedade e, atualmente, atuam como: padres, pastores, pastoras, bispo, provincial de Congregação Religiosa, professores, políticos, lideranças eclesiais, etc., o que revela, mais uma vez, a importância do IMT para cidade de Santo Ângelo e região.

## **FUNDAMENTOS ÉTICO-POLÍTICOS**

Quando nascemos, por mais que ainda não seja possível perceber logo num primeiro momento, deparamo-nos com um mundo já constituído. Diante disto, sem querer estabelecer as concernentes particularidades de cada cultura, o IMT tem consciência da importante missão das gerações que nos precedem em conscientizar-se frente à tarefa e a responsabilidade de nos apresentar a este mundo já estabelecido, mas ao mesmo tempo em constante transformação. Os fundamentos ético-políticos da ação pedagógica do realizada no IMT se dão enquanto *responsabilidade*, em termos de imperativos ético-políticos.

O primeiro imperativo ético-político corresponde a entusiasmar-se com o mundo e apresentá-lo em sua face mais positiva. Como afirma Arendt, na educação encontramos “o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” (2014, p. 247) e, por isso mesmo, se alguém se recusa a assumir responsabilmente o mundo, jamais deveria educar.

A educação tem a tarefa de apresentar o mundo, mas isto deve ser feito mediante o acesso às razões de nossas significações acerca do mesmo, ou seja, justificar o que estamos apresentando como algo de ser digno de ser aprendido. E



isto, necessariamente, precisa de qualificação, e conforme Arendt, “consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo” (2014, p. 239).

Desta compreensão advém outro imperativo ético-político, isto é, o testemunho pessoal, na responsabilidade assumida pelo mundo, onde aquilo que é ensinado é também vivenciado pelo educador, sendo que sua vida transforma-se em eco de seu ensinamento. Nesta perspectiva, a educação apresenta o mundo como proposição, isto é, em sua abertura fundamental ao novo, “o mundo é criado por mãos mortais e serve de lar aos mortais durante tempo limitado” (ARENDR, 2014, p. 243). Afinal, esse mundo e nossas verdades acerca dele são frágeis e desta forma devem ser tratadas nossas pretensões de verdade.

Por isso, os fundamentos ético-políticos que norteiam as ações do IMT têm ao mesmo tempo um caráter conservador, no sentido de não abandonar as novas gerações a sua própria sorte, mas também de abertura, no sentido de não “arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum” (ARENDR, 2014, p. 247).

Estes fundamentos ético-políticos resultam nas convicções de que é preciso:

a) *Abertura ecumênica, inter-religiosa e às questões sociais e científicas:* Cristãos individualmente e muitas das igrejas cristãs vivem hoje um clima de busca da unidade. A Igreja Católica participa desse esforço e o coloca como uma exigência e um Sinal dos Tempos de hoje. Mais ainda, a partir do Vaticano II, ela vê com novos olhos as outras religiões. Ela reconhece nelas o sopro do Espírito de Deus e quer dialogar com elas.

O IMT nasceu com esse espírito ecumênico e quer preservá-lo. Por isso, o espírito ecumênico e a abertura para as religiões não cristãs é uma das suas marcas. Muito mais do que a inclusão de uma disciplina específica sobre o assunto, trata-se de um espírito que perpassa todas as disciplinas e o curso como um todo. Da mesma forma, o curso cultivará o diálogo e o intercâmbio com os movimentos e as organizações sociais e com a comunidade científica, procurando refletir inter e transdisciplinarmente relações entre ciência e fé.



b) *Compromisso com os Direitos Humanos*: Os direitos humanos podem ser compreendidos como direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos, sob esse entendimento, incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, o direito à liberdade religiosa, entre muitos outros. Nessa dimensão abstrata, Direitos humanos são direitos que possuímos pelo simples fato de que somos humanos.

Os direitos humanos clássicos não valorizavam os elementos de diferenciação de um indivíduo com relação ao outro (gênero, etnia, idade, orientação sexual etc.), mas concebiam seus titulares de forma genérica e abstrata (o homem, o cidadão etc.). Na contemporaneidade, ao contrário, os direitos humanos tendem a vislumbrar os sujeitos de forma concreta e particular, isto é, como indivíduos historicamente situados, inseridos numa estrutura social, e portadores de necessidades específicas. Daí falarmos de “direitos das mulheres”, “direitos dos idosos”, “direitos dos homossexuais”, “direitos das crianças”, “direitos dos portadores de deficiência”, dentre outros. O IMT integra o compromisso com os direitos humanos como um princípio norteador em suas dimensões formal e substantiva.

c) *Consciência ecológica*: O pensamento moderno educou o ser humano para ser conquistador e dominador. A ciência moderna imprimiu na sociedade uma compreensão em que as relações se estabelecem entre sujeito e objeto. A natureza, na lógica cartesiana era tratada exclusivamente como matéria a ser conhecida pela “coisa pensante” (*Res Cogitans*) (DESCARTES, 2012). Numa relação de conhecimento e não de reconhecimento, a natureza fora tratada de forma agressiva pelo ser humano. A Teologia, na atualidade, está sendo convidada a contribuir para mudar o paradigma moderno em que predominam relações de agressividade e de destruição. No IMT, tradições teológico-bíblicas são estudadas e reavivadas a fim de que o cuidado com a natureza se constitua a perspectiva central.

d) *Consciência de alteridade*: Educar-se para uma consciência de alteridade é fundamental para se poder dialogar com o diferente. Construir uma consciência individual e coletiva de alteridade significa, em grande medida, superar o paradigma de conhecimento moderno e inaugurar um paradigma de reconhecimento,



significando a superação da relação sujeito-objeto e a construção de uma relação sujeito-sujeito. Isso só é possível se o outro é compreendido e reconhecido como aquele que “eu” não sou. É possível, também, se há a consciência de que existem múltiplas formas de se viver o humano. A consciência de alteridade supõe e pressupõe a perspectiva multicultural. Não há apenas uma forma de ser e de se viver humanamente.

O reconhecimento da diversidade de formas de se viver humanamente é um imperativo para se reconhecer a outridade. Em nossa sociedade, há modelos concretos de alteridade, como o pobre, o órfão, a viúva, o estrangeiro, o homossexual, o idoso, o índio, o negro, entre outros. A consciência de alteridade se expressa, igualmente, com a natureza. Não se tem mais uma relação de alteridade com a natureza. Essa, sem dúvida, consiste numa perda, provavelmente, irreversível da nossa civilização. Será que um dia será resgatada? O IMT integra a dimensão da alteridade como um princípio norteador exatamente porque se acredita que as tradições teológico-bíblicas trazem nelas imersas uma consciência de alteridade, tanto na relação com o outro ser humano, o outro natureza, e o absolutamente Outro.

## **FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS**

Em primeiro lugar, a Teologia, hoje, não tem mais como fugir responsabilmente da percepção de seus contextos. O filósofo Descartes havia situado *apenas* toda a substância material sob as coordenadas espaciais e temporais. Hoje, diferente e contra o pensamento cartesiano, todo saber, seja empírico ou abstrato, encontra-se situado sob as coordenadas do tempo e do espaço que possibilitam a sua emergência. Os contextos, portanto, são decisivos. Não somente os que estão “por detrás” dos textos bíblicos, da tradição, dos símbolos, etc., mas os que estão “de frente”, enquanto mundos possíveis, que possibilitam e condicionam o fazer teológico hoje.

Para experimentar a verdade teológica no mundo contemporâneo é preciso indagar a forma contextual que a determina. Trata-se de uma experiência que precede todo e qualquer conteúdo teórico e, inclusive, o possibilita e o sustenta. O saber teológico, neste sentido, não se dá no distanciamento para com a realidade, noção tão abrangente na história da teologia e das ciências de modo geral. O saber é





possibilitado por situações determinadas, por contextos concretos e específicos. Na medida em que a teologia, cada vez mais se apropriar desta percepção de base, então tudo, de um ou de outro modo, há de refletir esta apropriação.

Buscar a compreensão, filosofar, teologizar não ocorre porque já temos a verdade absoluta, nem mesmo um método absoluto e puro, mas exatamente porque não temos a verdade. [...]. Por isso, nem a linguagem, nem conceitos, nem métodos são definitivos. Pelo contrário, carregam consigo já sempre a finitude, o gérmen da morte. Portanto, a finitude se chova com a pretensão do definitivo, do absoluto, da objetividade. Nenhuma palavra expressa definitivamente quem somos e como nos entendemos (WACHHOLZ, 2011, p. 210).

Nesta perspectiva, o Curso de Teologia se apresenta como interpretação em contextos. Se isso, de um lado, o torna “fraco”, de outro, aí se encontra sua força e sua grandeza. A consideração dos contextos exige um exercício contínuo de interpretação. O Curso se apresenta, portanto, como um exercício interpretativo em contextos de ontem e de hoje, na esperança de se chegar a um conhecimento mais justo para com a realidade em que se vive.

Em segundo lugar, num contexto de transição paradigmática, em que as diretrizes da ciência moderna são questionadas pela sua insuficiência de apresentar uma visão ampla do real, em função de sua compartimentação, o Curso de Teologia do IMT tem seus fundamentos epistemológicos centrados no objetivo da construção do conhecimento de maneira global, em que o passado e o presente são pensados em uma relação dialética. “Pelo fato de ser o conhecimento humano marcado pelo tempo, o conhecimento tem dimensão tríplice: dirige-se ao passado, ao futuro e para o presente” (WACHHOLZ, 2011, p. 211).

É importante observar a necessidade da preservação cultural, analisando a relação entre tradição e avanço e, também, entre socialização e elitização do saber. Todo progresso só é conquistado a partir da preservação da tradição, no momento em que eleva e guarda toda a construção histórica da humanidade. Como somos seres que se dão no espaço e no tempo, só compreendemos nosso presente a partir do momento em que recordamos, significativamente, nosso passado, possibilitando a construção de um ainda-não realizado, a saber, a realização de nosso futuro.

Toda vida circunscrita somente à esfera do presente fica reduzida a uma relação com o aqui e o agora, de maneira não crítica, em que o indivíduo se transforma em refém de explicações exteriores e, ao mesmo tempo, de sua imediatidade



presentificada. Para esse afastamento do, somente presente, que presentifica o passado e imagina o futuro, é necessária a recordação através da memória. A memória tem função determinante no momento em que ela, como forma de conhecimento, possibilita a relação entre o já-acontecido e o ainda-não realizado, fundamentando a possibilidade do não esquecimento. Só podemos nos compreender enquanto recordamos, significativamente, nossa história, dando sentido aos fatos da realidade.

Estes fundamentos epistemológicos do Curso de Teologia resultam nas convicções de que é preciso:

a) *“Encarnar” a teologia na realidade regional*: A fé vivida situa-se concretamente na estrutura e na conjuntura da realidade social, econômica, política e cultural. Ela tem uma dimensão de atualidade e de dinamismo. A Teologia, da mesma forma, não é um conhecimento alheio ao que vivem as pessoas no tempo presente. Ela precisa encarnar-se na realidade atual e regional. O Concílio Vaticano II expressou isso numa fórmula bastante conhecida da Constituição *Gaudium et Spes*: “As alegrias e os sofrimentos, as esperanças e as angústias dos homens do nosso tempo são, também, as alegrias e os sofrimentos, as esperanças e as angústias da Igreja” (CONCÍLIO VATICANO II, 1979, n. 1). Se são da Igreja, são também da Teologia.

b) *Fazer a evangélica opção pelos pobres*: Essa “encarnação” da fé e da Teologia no mundo de hoje recebeu, na América Latina, uma conotação específica: a encarnação no mundo dos pobres. A conferência dos bispos latino-americanos em Medellín, em 1968, relacionou a nova visão de Igreja e de mundo que se afirmou no Concílio Ecumênico Vaticano II com a realidade da América Latina. Surgiu aí a consciência clara do compromisso da Igreja e de todos os cristãos com a justiça social. As alegrias e as tristezas, as esperanças e as angústias do mundo – no dizer do Concílio – são, aqui, especialmente, as alegrias e as tristezas, as esperanças e as angústias dos pobres. O chamamento que Deus faz é o da libertação. Daí nasce a Teologia da Libertação. A conferência dos mesmos bispos em Puebla, no México, em 1979, reassumiu essa perspectiva e a explicitou na conhecida “opção preferencial pelos pobres” e na perspectiva da “comunhão e participação”. Já não se pode fazer teologia cristã na América Latina sem levar em conta esses discernimentos e essas opções fundamentais. A Igreja da diocese de Santo Ângelo bebeu abundantemente



dessas novas fontes teológicas. O IMT surgiu dentro desse fervilhar da fé em torno das grandes questões sociais.

*c) Manter a fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo:* O IMT é confessional, embora aberto a outras expressões do Cristianismo e a outras religiões. Ele se vincula à fé cristã, vale dizer, ao Evangelho de Jesus Cristo. Ele também se inscreve dentro de uma comunidade religiosa específica: a Igreja Católica Apostólica Romana. Segue as orientações da sua Igreja, mas manterá também a justa e sadia atitude crítica, própria da honestidade intelectual e de toda a Teologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O IMT nasceu e sempre permaneceu pequeno e frágil. Mas, sem arrogância, pode dizer com a mãe de Jesus: “O Senhor fez em mim [e por meio de mim] maravilhas...” (Lc 1,49). Apesar ou justamente por causa de sua história de pequenez e de fragilidade, ele tem sido um sinal da fé no Deus que aposta na força dos pequenos como protagonistas do seu Reino de vida.

Coerente com suas origens, o IMT sempre cultivou a consciência de que a teologia não é apenas uma questão acadêmica, mas um conjunto integrado de elementos, expressos na forma de organizar internamente o poder, na relação entre pastoral e Teologia, na articulação entre o IMT com a comunidade externa, etc. Se os conteúdos teológicos se estribam no evangelho da fraternidade e da participação, não se poderia negar na prática cotidiana essa essência da teologia. Decisões participativas, coordenação democrática, conclusões construídas não simplesmente pelo voto da maioria, mas pela reflexão a partir dos princípios evangélicos e teológicos, avaliações periódicas, aulas com metodologia participativa são constitutivos do IMT. Essa consciência expressa-se com vigor no projeto pedagógico do curso de Teologia ofertado desde 2003 em convênio com a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.

Trinta e cinco anos de história! Três décadas e meia de fé, parcerias, resistências, alegrias e sofrimentos, serviços, aprendizagens, reinvenções... Deus seja louvado! E que Ele continue a nos inspirar e fortalecer!



## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BÍBLIA de Jerusalém. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Gaudium et Spes*. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

DESCARTES, René. Discurso do método: meditações. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

INSTITUTO MISSIONEIRO DE TEOLOGIA. *Ata da sessão solene de instalação do IMT*. Santo Ângelo, 1983.

WACHHOLZ, Wilhelm. Por uma teologia como ciência e pela ecumene das ciências. In: CRUZ, Eduardo R. da; MORI, Geraldo de. *Teologia e Ciências da religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUCMinas, 2011, p. 199-218.